

Parte 1

Recorte histórico: do Imperial Instituto dos Meninos Cegos ao Instituto Benjamin Constant

Paulo Felicíssimo Ferreira



Busto de Louis Braille.
Acervo do Museu do IBC.
Foto: Reginaldo Menezes Costa

APRESENTAÇÃO

"É inquestionável que, do ponto de vista estritamente científico, o homem foi o iniciador e é o continuador de sua História, entendida esta como o conjunto de ações transformadoras que geram os fatos sociais delimitadores das várias épocas e situações. Mais importante, contudo, que tais ações transformadoras, por ele espontaneamente empreendidas, foi a consciência gradativa delas adquirida, firmando-o como agente intencional de sua evolução, clara e objetivamente traduzida, nos últimos tempos, pelo surgimento das instituições específicas, representativas e concretizadoras dos direitos individuais e sociais das diversas parcelas do complexo humano. Uma análise retrospectiva na evolução histórica dos conceitos sobre as pessoas deficientes mostra, de maneira insofismável, que, milênios antes da teoria darwiniana sobre a Seleção Natural das Espécies, o homem percebia as diferenças como prova cabal de inferioridade, o que, por muitos séculos, manteve as minorias submissas e acomodadas, convencidas, que também eram, da superioridade intrínseca dos físicos e mentalmente íntegros. Não obstante, no fundo dos espíritos imbatíveis, sempre houve o desejo de busca de igualdade com o outro, de que resultaram, no século passado, as primeiras tentativas para a educação das pessoas deficientes, aquelas cujas diferenças eram consideradas mais graves, com danos diretamente proporcionais às suas capacidades. Surge, nesse contexto, o francês Louis Braille, que, tendo nascido em 4 de janeiro de 1809 e falecido 43 anos depois, no dia 6 do mesmo mês, perdeu a visão, ainda bem criança, em virtude de acidente por ele mesmo involuntariamente provocado. A ele coube, pelo sistema de leitura e escrita até hoje insubstituível e ainda conhecido pela marca de seu sobrenome, traçar a linha divisória entre a ignorância e o conhecimento, pelo acesso à informação, para aqueles que não mais pudessem depender dos olhos no desenvolvimento de sua intelectualidade. E, por não se poder nem se dever desvincular da história de Louis Braille a dos deficientes visuais, introduzimos, com este parágrafo, a história do Instituto Benjamin Constant, que, há 141⁽¹⁾ anos, dedica-se ao ensino de pessoas cegas e de visão reduzida."

Com estas palavras, iniciava-se o primeiro artigo da revista Benjamin Constant nº 01, editada em setembro de 1995, que apresentou um resumo histórico da instituição, embora, por motivos vários, sem a transcrição dos documentos então referidos. Nove anos depois, os 150 anos do Instituto ensejam e reclamam a retomada do tema, agora documentado e tão enriquecido quanto a escassez do espaço o permite, razão por que optamos pela mesma introdução, cujo teor servirá de elo entre o período que bem se poderia chamar "pré-histórico", na educação dos indivíduos portadores de deficiência visual, e a história deste estabelecimento sesquicentenário, aqui pessoalmente ilustrada com os testemunhos grandiloqüentes de seus primeiros administradores e mestres.

A seqüência documental a seguir, onde interrogações consecutivas representam manuscritos indecifráveis, obedeceu aos critérios de cronologia e importância, antepondo-se a cada documento observações quanto à natureza de seu conteúdo, quase sempre bastante amargo nas referências às pessoas deficientes da visão, a quem grupavam, substantivamente, como "os cegos", ou adjetivavam como "infelizes" e "desgraçados", mas deveras informativo.

NOTA:

(1) Hoje, 150 anos.